

**Francisca Verônica Cavalcante.** *Os Tribalistas da Nova Era.* Teresina: Fundação Quixote, 2009.

Michelle Veronese<sup>1</sup>

Com suas raízes no movimento de contracultura dos anos 1960, a Nova Era emergiu como um fenômeno marcado pela fluidez e a imprecisão, sem estruturas definidas e com fronteiras borradas. E é justamente aí que reside uma das dificuldades em apreendê-la. A pesquisadora Francisca Verônica Cavalcante, porém, não fugiu a este desafio. Em *Os Tribalistas da Nova Era*, Cavalcante faz uma interessante contribuição para os estudos sobre o campo religioso brasileiro analisando este movimento que, mesmo após tantas décadas, ainda tem muito a ser investigado.

Sua análise centra-se no modo como circulam as ideias, as práticas e os praticantes associados à Nova Era. Este fluxo é observado nos estados do Piauí e de São Paulo, onde ela realizou sua pesquisa de campo e coletou histórias de vida de fundadores e membros de centros holísticos. A cada depoimento apresentado, o leitor vai percebendo como o modo de vivenciar a *new age* foi emergindo, transformando-se e ressignificando-se ao longo do tempo nas – e entre as – cidades de Teresina e São Paulo.

No primeiro capítulo, a autora apresenta as raízes da Nova Era, a qual, além da contracultura, tem, entre suas influências, o xamanismo norte-americano, as tradições religiosas orientais, o Romantismo e o Movimento do Potencial Humano. Trata-se de um fenômeno que nasce contestador, com um pé na crise de significados e no questionamento do paradigma científico (p. 43), marcado ainda pela crítica ao consumismo e focado na solidariedade, na comunidade e na vivência espiritual introspectiva (p. 53). Mas, aos poucos, a Nova Era vai se transformando. Isso ocorre a partir dos anos 1970, nota Cavalcante, em consequência principalmente da realização de encontros e festivais e da difusão por meio de grandes veículos de comunicação:

Toda essa complexa rede, vinculada via meios de comunicação de massa, engendra a circulação de um sistema de valores os quais vão encontrar respaldo no individualismo utilitário, pois estão condicionados às leis de mercado (oferta e procura). Ou seja, aquilo que lhe serviu de impulso inicial, crítica ao

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da professora Dra. Eliane Hojaij Gouveia.

individualismo utilitário, à indústria, entre outros, passa, paradoxalmente, a caracterizar o fenômeno a partir da entrada em cena dos *mass media* (p. 53).

No Brasil, o *boom* da Nova Era vai se dar nos anos 1980, segundo Cavalcante. A partir de grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, as práticas e crenças adjetivadas como *new age* expandem-se para outras cidades, a exemplo de Teresina. Mas até que ponto, ao circularem, elas permanecem as mesmas ou transformam-se?

No capítulo 2, a autora vai em busca de respostas a essa questão enquanto percorre espaços holísticos da capital do Piauí. Ali, ela encontra uma variedade de propostas que vão desde a crença em extraterrestres, passando por artes divinatórias como *tarot* e baralho cigano, até a umbanda esotérica. Ao observar como essas práticas e ideias frequentemente se entrecruzam, a ponto de formar “quase infinitas bricolagens”, Cavalcante menciona uma “sensação de dúvidas” e pondera, diante de um dos grupos estudados, se “o registro desenvolvido contempla na íntegra todas as tradições por eles cultuadas” (p. 110). São dúvidas e percepções certamente partilhadas por aqueles que já investigaram esse fenômeno.

O terceiro capítulo volta-se para a cidade de São Paulo, considerada pela autora “o polo receptor internacional e difusor internacional e nacional da Nova Era, especialmente, para a região nordeste” (p. 34). A capital paulista, segundo Cavalcante, não apenas abastece outros mercados, mas é nela que muitos *new agers* (proprietários de centros holísticos, terapeutas, praticantes) tomam conhecimento de novas práticas. E, uma vez de volta às suas cidades, eles “reinventam um jeito de ser New Age” (p. 24).

Cavalcante faz ainda uma comparação entre a Nova Era e os *new agers* em ambas as cidades, apontando suas semelhanças e diferenças. Ao fim de seu livro, fica evidente o quanto este fenômeno está longe de ser homogêneo, estruturado, linear – e talvez por isso mesmo ainda fascine tanto praticantes e pesquisadores.